

Paul Singer: uma vida de luta e de trabalho pelo socialismo e pela participação democrática

CRIS ANDRADA^I e EGEU ESTEVES^{II}

POUCOS REÚNEM grandeza intelectual, humildade genuína e uma profunda coerência entre o que escreve e pratica, como ele. Paul Singer¹ não apenas refletiu sobre as violências do mundo do trabalho, como se dedicou a fazê-lo junto de trabalhadores, ombro a ombro, anos a fio. Ao seu estilo, como um igual, dando o mesmo valor a cada fala e pessoa. Nesse processo, ajudou a construir um dos mais bonitos movimentos de resistência brasileiros, um projeto de emancipação com vistas a enfrentar essas violências, a *Economia Solidária*.

A entrevista foi realizada para o projeto “Vozes da Economia Solidária: narrativas de resistência no mundo do trabalho”,² que teve por objetivos compreender as origens da Economia Solidária brasileira a partir da perspectiva de seus pioneiros/as. Nela, Paul Singer rememora a migração para o Brasil, a juventude na São Paulo do pós-guerra – período de sua participação no movimento sionista, quando surgiram a inspiração para o trabalho como professor e a decisão de lutar pelo socialismo no Brasil. Logo, ele fala sobre sua relação com o movimento sindical, vivida como operário, e de sua participação na icônica *Greve dos 300 mil*, cuja comissão de salários compôs, experiência que representou uma das fontes de seu interesse pela economia. De seu percurso militante, ele destaca ainda a aproximação com os socialistas cristãos e com os fenômenos que mais tarde viria a nomear de *Economia Solidária* que, para ele, deve ser entendida como um fenômeno indissociável da luta de classes.

São Paulo, 7 de abril de 2016

Cris Andrada – *Professor, como falamos, o objetivo desta conversa é conhecer um pouco mais de sua história de vida de trabalho, e nela, saber como se deu o encontro e envolvimento com o que hoje conhecemos como Economia Solidária.*

Paul Singer – Então, em 1981, nós estávamos em uma violenta crise, muito semelhante à que nós estamos hoje. Hoje, só em São Paulo, pelo que eu li na imprensa, temos um milhão e quatrocentos mil desempregados. É muito semelhante porque a indústria, na época, fechava em série. O Delfim [Netto] cortou o gasto público a zero. A Dilma não consegue chegar a tanto, mas ela tenta chegar o mais perto possível de zero. Aí você tem, necessariamente, uma redução

da demanda absoluta. O governo recolhe um terço do Produto Interno Bruto e não gasta. Fica orgulhoso, “não há gastança e tal”. Para a nação, sobretudo para os trabalhadores, é uma tragédia. Se ninguém tem dinheiro para comprar, não tem quem os empregue. Ele não pode produzir, o camponês também não. É nisso que estamos. Essa crise atual nossa é muito semelhante àquela que, no regime militar, aconteceu nos anos 1980. Se eu bem lembro, foi uma crise que pegou toda a América Latina. Pegou México, pegou Argentina, pegou Chile. Pegou principalmente os países não produtores de petróleo. Foi uma tremenda crise. O que isso tem a ver com a Economia Solidária? Infelizmente tudo. Tudo o que eu tenho contado.

O que aconteceu, objetivamente falando, é que nessa situação de crise, a Cáritas começou a trabalhar com desempregados. O que, agora, o pessoal da Senaes³ está tentando fazer. A Cáritas é especialista nisso, é o braço da Igreja para situações assim. E, por alguma razão, eles pensaram em mim e me convidaram: “você não quer visitar uma cooperativa?”. Quer dizer, eles me contaram: “Nós estamos trabalhando com desempregados. Vendo se a gente pode ajudar com alguma coisa e tal. Você não quer visitar?”. Era uma cooperativa de trabalhadores negros, desempregados, que receberam da Cáritas equipamentos para fabricar sapatos. Para você fazer sapatos, você precisa ter máquinas de costura, coisas assim. E a Cáritas recebia recursos, não sei se emprestados ou dados, de outras Cáritas [...]. Então eu fui à cooperativa. Eu tenho esse mau hábito, me convidam, eu aceito. [risos]

CA – *Onde era a cooperativa, professor?*

PS – Em São Paulo. Suponho que não longe do centro. O fato é que eu conheci o grupo, o grupo de trabalhadores negros. E me contaram a história deles, falaram sobre o que estavam começando a fabricar, e que a Cáritas os ajudou com o capital inicial, porque os equipamentos eles já tinham. E eu fiquei lá, eu calculo uma hora, não mais do que isso, ouvindo as histórias deles. Era uma cooperativa e eu não tinha nada que ver diretamente com ela. Para mim foi uma lição. Esses trabalhadores eram totalmente autônomos. Agora a gente chama de autogestionários. Deixa acrescentar uma coisa?

CA – *Claro.*

PS – A Igreja foi a grande rival do Partido Comunista. Estou falando do Brasil. Mas igualmente em outros países. Havia na esquerda o que a gente chama de socialismo cristão. Isso houve, não é invenção. E os socialistas cristãos têm até uma certa simpatia pelo marxismo, por Marx mesmo. Mas, fundamentalmente, eram contra o comunismo. Porque o comunismo era contra a religião. Onde os comunistas tomaram o poder, acabaram com a religião. Fecharam as igrejas, prenderam o clero, fizeram o diabo. Eles não poderiam aceitar isso em nenhuma hipótese, então havia uma rivalidade. Enquanto ainda aluno, depois professor jovem, eu me lembro das polêmicas dos comunistas com os socialistas cristãos. Nessa altura, eu já estava entendendo que os socialistas cristãos tinham como grande defeito serem democráticos. Mas, meu Deus, eu também era [risos].

Soube depois que a Cáritas ajudou trabalhadores desempregados a criar mais de mil cooperativas,⁴ numa situação de desemprego, eu diria, catastrófica. Enfim, qual foi minha reação a tudo isso? Escrever um artigo na *Folha* sobre o tema. Isso em 1981. Eu achava importantíssimo o que a Cáritas estava fazendo. Na época eu era colaborador do jornal, não sistemático. Mas quando eu oferecia artigos, geralmente publicavam. [...] O artigo descreve o que eu vi, o que a Cáritas estava conseguindo fazer, transformar trabalhadores desempregados em trabalhadores autoempregados coletivamente. Essa foi minha contribuição à época e parte da origem da Economia Solidária.

Depois, houve eleições para prefeito em São Paulo [em 1988]. A Luiza Erundina foi eleita prefeita pelo PT, eu fui secretário dela, de Planejamento. [...] Foi realmente uma gestão interessante. As pessoas continuam ativas. A própria Erundina é deputada federal. Enfim, essa foi uma experiência militante minha.

CA – *Como tantas. Aliás, professor, em seu percurso, salta à percepção uma espécie de linha mestra – seu envolvimento com experiências coletivas e democráticas de trabalho e de organização política, sempre que possível. O movimento kibutziano, o movimento sindical, os partidos políticos, o Cebrap.*⁵

PS – Isso que você descreveu é mais ou menos o que aconteceu. Quer dizer, eu não entrei na Cáritas, eu sou judeu. Não faria sentido eu entrar numa entidade católica. Mas toda a minha atuação política no Brasil de esquerda foi com cristãos. Eu não escolhi os cristãos, sei lá se eles me escolheram. O fato é que a gente se juntou. E eu me entendi perfeitamente com eles. [...]

De qualquer forma, eu só queria dizer a vocês que eu tenho uma simpatia enorme pela Igreja. Não vou dizer que eu vou me converter [risos], mas eu reconheço o papel extremamente positivo que a Igreja Católica teve, pelo menos no Brasil.

CA – *As comunidades eclesiais de base, as pastorais... a Teologia da Libertação. Tive uma experiência pessoal importante com essa perspectiva também, professor. Sou de uma família atea do Uruguai, que é um país laico. Ao chegar aqui, sem documentos, pelas circunstâncias [ditaduras militares], fui acolhida por colégios católicos dessa linha. Sou grata por isso.*

PS – Então temos algo em comum, Cris. Bem, eu fui do movimento sionista de esquerda. E os meus companheiros fizeram um kibutz em Israel. Até hoje existe. Mas eu não fui porque minha família não quis me acompanhar. Minha família era minha mãe e meu pai. Eu saí do movimento que eu liderava, na época, e passei a militar no Brasil. Era uma opção. Eu não ia mais para Israel. Hoje me dou os parabéns de não ter ido. Eu não queria morar lá, sinceramente. [...] Eu seria muito infeliz lá. E aqui, pelo contrário, eu estou muito feliz. Eu me sinto um brasileiro. Eu tenho dito isso a meus filhos, aos meus amigos, porque é verdade. Eu tenho orgulho do Brasil.

CA – *Que bonito, professor. E semeou tanta coisa importante aqui...*

PS – Mas eu não te contei o ponto alto.

CA – *Puxa, então vamos lá* [risos de todos].

PS – Acontece que, quando escrevi o artigo sobre o qual falei, repercutiu muito. Eu não esperava. Muitas pessoas leram e mandaram respostas, fizeram contatos, muitos contatos. [...] Eu fiz uma proposta formal à campanha da Luiza Erundina, que foi novamente candidata a prefeita, mas acabou sendo derrotada. O candidato a vice-prefeito era o [Aloísio] Mercadante. Foi nesse momento que eu sugeri, em uma reunião da Comissão do Programa [de Governo], que o Mercadante dirigia e eu era membro, sugeri que a Economia Solidária poderia ser um bom item para o programa da Luiza Erundina. Foi discutido e foi aceito, ninguém foi contra, tudo bem. Acabou a reunião, a gente se despediu e já íamos embora. Alguém me segurou no ombro e disse: “Vem cá, Singer, como é que você chama esse treco que você propôs?” [risos] Foi assim... Eu respondi: “Não sei”. Eu não estava preocupado com nome. O Mercadante tomou para si a pergunta porque já estava aprovado que seria posto no Programa. Eu não havia proposto nome algum. Daí o Mercadante perguntou pra mim: “Singer, como você chama essa coisa que você propôs?”. Eu falei: “Olha, não me lembrei de dar um nome a isso. Nós podemos ver o que a gente quer fazer”. Então ele perguntou pra mim: “O que você acha de *Economia Solidária*?”. Ele acertou o alvo, assim, direto. Eu pensei, acho que uns quinze segundos, e disse: “É isso aí. Pode chamar assim que eu estou de acordo”. E foi assim. [risos]

CA – *Bonito ouvi-lo narrar. Esse é um momento emblemático de seu percurso, não?*

PS – Sim. [pausa] Quando houve um Congresso Mundial de Comércio Justo no Rio de Janeiro,⁶ uma coisa mais ou menos recente, me convidaram para falar de Economia Solidária. Falei: “Vou. Por que não?” Ia gente do mundo inteiro. Eu fiz uma fala sobre o que é Economia Solidária, para que serve etc. E as pessoas gostaram. Hoje se fala de Economia Solidária e Comércio Justo como sinônimos, coisa assim.

CA – *Elas têm convergências, não é? Estive em Barcelona, com a saudosa Idalina Boni, que representava a Justa Trama, na “I Semana do Comércio Justo e Solidário”. Foi uma experiência muito rica. Tivemos a sensação de que as pessoas presentes queriam aprender com a experiência brasileira, com a nossa Economia Solidária.*

PS – Isso está acontecendo muito comigo. Desde que eu assumi a Senaes... Eu posso contar horas de histórias pra vocês. [risos] Agora acabei de vir de Osasco. Eles me pediram pra abrir uma semana de Economia Solidária. A prefeitura de Osasco apoia, eu diria, bastante a Economia Solidária. Tem lugares de comércio solidário, tem muita coisa. Bom, sobre isso que estamos conversando agora. Espanhóis, americanos... Eu tenho recebido convites pra contar essa história de novo. *Porque a Economia Solidária, efetivamente, no Brasil, é uma coisa*

importante. Não é um exagero meu. Não que ela seja dominante, nada disso. Mas é uma opção importante política, intelectual, religiosa, ética.

CA – *Sim... professor, eu gostaria de ouvi-lo a respeito de uma questão. Quando a Economia Solidária se tornou uma espécie de estrela no horizonte da história? Certamente ela não era a realidade que é hoje. Quando o senhor e outros pioneiros do movimento vislumbraram que seria possível o seu desenvolvimento? O senhor reconhece esse momento?*

PS – Sim. Eu não vivi esse momento. Eu não tinha nascido ainda. [risos] É mais antigo. É de um famosíssimo socialista utópico. Um dos grandes utópicos chamava-se Owen. Não sei se vocês leram alguma coisa sobre ele.

CA – *Com o senhor mesmo, no grupo de estudos [risos]*

PS – Comigo mesmo? Ah, sim. Owen é o inventor da palavra *socialismo*. Ele foi o primeiro a usar *socialismo*, a bandeira, e assim por diante. Mas ele também é o inventor das cooperativas. Por isso que eu estou respondendo a sua dúvida. Quer dizer, ele não inventou a Economia Solidária. Pelo menos não desse jeito. Ele iniciou o socialismo. Porque a história que eu conhecia era a história da primeira cooperativa da Inglaterra, que é um conjunto de cerca de trinta trabalhadores artesãos. Se não me engano tecelões, que perderam o trabalho. Lideraram uma greve e perderam. Então trinta deles estavam sem trabalho. Isso é terrível para trabalhadores pobres. E aí eles inventaram a cooperativa. Ou seja, criaram uma cooperativa numa região do norte da Inglaterra, e fizeram o estatuto, com regras etc. Não está claro quem havia bolado aquelas regras, porque elas são tão maravilhosas! Hoje em dia, séculos depois, as Conferências Internacionais de Cooperativismo ratificam aqueles princípios. Houve emendas, houve ampliações, o que é normal.

CA – *Os sete princípios! São fantásticos mesmo.*

PS – Mas eu nunca soube que Owen os tivesse criado. Agora eu estou relendo esses livros aqui [aponta para a estante da sala de sua casa, repleta de livros]. Esta semana não pude ir a Brasília, então estou trabalhando daqui.⁷

CA – *É bastante coisa [risos].*

PS – O fato é que a cooperativa surgiu e depois *outras cooperativas foram também sendo feitas. Em função de situações semelhantes, luta de classes, perdas de emprego, coisas dessa natureza.* O que me encanta continuamente é o fato do estatuto das cooperativas do mundo ser o estatuto desses trabalhadores pioneiros da Inglaterra. Da primeira cooperativa da história das cooperativas. É o mesmo. Não apenas foram pioneiros, a qualidade do que eles fizeram foi ótima. Porque, de lá pra cá, houve, não vou dizer muitos, mas alguns encontros mundiais sobre cooperativismo, com gente do mundo inteiro. E parte dessas reuniões é dedicada a apreciar os princípios para ver se ainda se mantêm os mesmos, se há necessidade de alguma emenda. Por exemplo, uma das emendas que foi feita foi na parte dos estatutos que preveem as finalidades da cooperativa, o que ela pretende. Recentemente foi acrescentada a solidariedade da cooperativa com a sua

própria comunidade. Quer dizer que a cooperativa não deve se limitar aos seus sócios. Ela tem interesse e deve apoiar tudo que é de interesse geral dos trabalhadores e de seu entorno. Eu tenho acompanhado isso até por força da minha atividade profissional. E fico lá pensando: “como aqueles 30 coitados fizeram um estatuto que, século depois, continua válido?!”.

CA – *Professor, esse encantamento pelos pioneiros de Rochdale me fez pensar na pesquisa atual, sobre a memória dos pioneiros da Economia Solidária. Eu gostaria de saber se o senhor concorda com uma das premissas do estudo. Uma delas, advinda da pesquisa com a rede Justa Trama, refere-se à questão: “Como os trabalhadores do movimento conseguem fazer tanto com tão pouco, e em situações tão adversas?” Do ponto de vista da história.*

PS – Ah, pergunta excelente.

CA – *Como os pioneiros de Rochdale...*

PS – Sim, sim. Você tem toda razão.

CA – *De onde vêm a força deles/as? A força de promover uma inflexão na história, em condições anti-hegemônicas. Ou seja, a história tendia à reprodução, ao recrudescimento das desigualdades. E, com poucos recursos, eles/elas conseguem se contrapor criativamente à reprodução. Tornar outra história possível, como a Economia Solidária hoje, no Brasil.*

PS – Tua pergunta é ótima, é fundamental, e não tem uma resposta só. Têm várias. *Porque o socialismo não surge apenas num lugar.* Ele surge, contemporaneamente na Inglaterra, na França, na Espanha, na Alemanha, na Áustria, ou seja, na Europa. *Surge uma esquerda e hasteia a bandeira do socialismo,* vamos dizer assim. *Aí o papel de Owen e o papel de Marx são muito semelhantes. O papel de Engels... Ou seja, já via toda uma intelectualidade alemã, inglesa, americana, que se irmanou ao movimento dos trabalhadores mais pobres.* Acho que essa é a verdadeira resposta. A tua indagação foi muito boa. As coisas não caem do céu.

CA – *Podemos então caracterizar a Economia Solidária como um movimento de resistência da classe trabalhadora, professor? Junto de intelectuais que se uniram à causa, como disse. Faz sentido chamá-lo assim, um movimento de resistência ao capitalismo?*

PS – Sim, faz sentido. A crítica ao capitalismo estava já feita pelos utópicos. Um papel melhor do que o outro etc. E, a rigor, Engels e Marx eram utópicos. Eles não aceitariam isso, ficariam mortalmente ofendidos. Não queremos ofendê-los. [risos] Mas eles foram líderes intelectuais do movimento operário, que estava se multiplicando em função da industrialização e outras coisas mais. Vocês leram, em algum momento, o *Manifesto Comunista*?

Egeu Esteves – *Sim!*

CA – *Lemos juntos, inclusive.*

PS – O manifesto é um documento interessantíssimo. Foi escrito pelo Engels. E, depois, reescrito pelo Marx. É um documento interessante, a meu ver, digno de ser discutido hoje. Ele é atual.

EE – *Eu reli há pouco o Manifesto. Acho um texto bonito, mesmo. Tem a parte em que eles falam do socialismo utópico. Eles dão esse nome, não é? Juntam todos e dão esse nome.*

PS – *É. É isso mesmo.*

EE – *De certa forma, eles reconhecem a importância dessas críticas.*

PS – A história dessa elaboração inclui vários nomes. Engels e Marx são, possivelmente, os maiores. Mas deixemos o tamanho de lado. Um homem como... O grande líder da revolução francesa, do Levante, a Comuna de Paris? Proudhon. O Proudhon era mestre de Marx. Eles tornaram-se amigos, sendo que Proudhon era bem mais velho. Não muito mais velho. Mas tinha uma diferença de idade, e mais diferença ainda porque Proudhon era escritor, além de gráfico profissional. E ele escrevia muito. Escreveu um bom número de livros e foi condenado à prisão pelo que escreveu, pelo regime na época. E eles, depois, se encontraram. Se encontraram na França, no exílio. O Proudhon e o Marx. E aí a história fica muito interessante, porque eles ficaram muito amigos. Muito mesmo. Proudhon não era somente mais velho do que Marx, era infinitamente mais importante, mais conhecido do que Marx, na época. Ele era autor de livros e livros e livros e livros. E Marx não tinha tido chance ainda de escrever *O capital*. Eram inteligentes e tal, e amigos. E quem rompeu a amizade foi Proudhon.

Por isso que eu sugeri que você lesse o *Manifesto*. Ele rompeu com Marx por causa da ditadura. Porque Marx começou a formular que o proletário tem que se organizar e tomar à força o poder e eliminar tudo o que fosse contrário do socialismo que eles quisessem. Foi mais ou menos o que Lenin e Trotsky acabaram fazendo. Com os resultados que nós conhecemos.

CA – *Sim... O senhor está me ajudando muito. Vou reler o Manifesto.*

PS – O *Manifesto* foi curiosamente escrito pelos dois da seguinte forma. O Engels foi o primeiro a assumir e fez um texto que era pergunta e resposta. Porque ele estava ligado a um movimento de trabalhadores alfaiates. Era um partido que começou a assumir o socialismo. E aí os alfaiates pediram a Marx para dar uma forma mais didática ao texto. Com perguntas e respostas, eles achavam que não ia ser entendido. Aí o Marx fez um outro texto. Mas inspirado no Engels. Esses textos são interessantíssimos. Pela influência que tiveram também sobre nós.

CA – *Professor, sei que estávamos indo por outro caminho. Mas fiquei curiosa por saber mais sobre o jovem trabalhador Paul Singer. Nesta pesquisa, temos refletido sobre o protagonismo da classe trabalhadora na Economia Solidária. Também sobre o que entendemos sobre classe trabalhadora atualmente.*

PS – *Está bem.*

CA – *O senhor participou da construção de diversos espaços de participação política. Gostaria de ouvi-lo sobre experiências-chave do seu percurso, aquelas que determinam escolhas importantes. Escolhas que, depois, desembocaram na Economia Solidária.*

PS – Acho que posso fazer isso. Quero fazer autobiograficamente, senão não tem sentido.

CA – *Claro. Eu lhe agradeço por isso, por sua disponibilidade.*

PS – Eu acho que não será muito longo. O que aconteceu e que mudou a minha vida foi a criação do Estado de Israel. Isso aconteceu em 1948. E aí se iniciou a luta histórica entre os judeus e os palestinos. E por causa disso mesmo criou-se o Estado que os sionistas sonharam e ao mesmo tempo começou uma guerra. Os árabes invadiram o que depois seria o Estado de Israel, depois os judeus conseguiram expulsá-los. Hoje em dia são os judeus que estão expulsando os árabes. Aquilo, a meu ver, é uma tristeza. É uma enorme tristeza.

O que tem isso que ver com as coisas que você está levantando? O fato de que eu sou refugiado judeu. Nós estamos no Brasil, minha família, porque Hitler anexou a Áustria à Alemanha. Ele era o chanceler da Alemanha, ou seja, o chefe de governo, eleito democraticamente. E ele anexou a Áustria. [...] Eu era menininho. Eu sei que minha mãe era viúva, ela quem me criava. Tínhamos uma mercearia herdada do meu pai. Perdi meu pai com dois anos. Quando eu tinha dois anos. [pausa]

Bom, um fato que nunca esqueci. Eu vi uns amigos, amigos meus, com bandeirinhas na mão. Iam correr pra receber os soldados. Eu fui para casa, chamei minha mãe: “Meus amigos estão indo saudar as tropas. Posso ir com eles?”. Minha mãe olhou pra mim e disse: “Não, meu filho. Você não pode”. Falei: “Mas por que eu não posso?”. Foi a resposta que mudou a minha vida: “Porque você é judeu”. Eu não tinha ideia de que eu era judeu. Devia ter sete ou oito anos. Era pequeno ainda. Mas essa cena nunca saiu da minha cabeça. Não fiquei traumatizado nem nada. Não estava sendo separado dos meus amigos. Foi uma aventura que eu não pude ter, mas que nunca esqueci. Em seguida, Hitler tomou o poder na Áustria e fez uma série de decretos proibindo a qualquer judeu se relacionar comercialmente com não judeus e vice-versa.

EE – *E a mercearia?*

PS – Exatamente. Acabou a mercearia com isso. O que o Hitler estava fazendo era *apartheid*. E a mercearia era num bairro, eu diria, bem operário. Existe até hoje em Viena, chama-se Eerla. É um bairro antigo, histórico, e lá estava a mercearia, e os operários, que naturalmente que não eram judeus, eram a principal clientela da mercearia. Minha mãe tinha relações, eu diria, muito amigáveis com todos eles e elas. Estávamos lá, enraizados. Só que minha mãe teve que fechar a mercearia. Porque as pessoas que eram os clientes estavam proibidas de entrar numa mercearia de judeus. Estava cheio de SA... Nazistas. Se soubessem, podiam avisar a polícia e sabe-se lá que consequências teriam.

O que eu queria resumir é que nós tivemos que fugir da Áustria. Foi ficando cada vez mais claro que os judeus que não fugissem, que não conseguissem fugir, certamente perderiam a vida. E era uma época de crise. Estou falando de 1939, 1940. De 1929 em diante houve um momento de fortíssima crise econô-

mica. E afetou naturalmente também Eerla, onde nós morávamos. Eu sei que nós conseguimos vir ao Brasil. Viemos ao Brasil porque a irmã da minha mãe tinha migrado para o Brasil.

CA – *O senhor tinha oito anos, é isso, professor?*

PS – Por aí. Nós viemos de navio. Cinco pessoas da família. Minha mãe, minha tia-avó, meu tio, a esposa dele, enfim, um grupo. Estávamos vindo para cá de navio. A viagem foi boa...

CA – *O senhor se lembra da viagem?*

PS – Lembro, lembro. Foi muito emocionante. Eu nunca tinha visto o mar. Na Áustria não tem mar. Tem o rio, o Rio Danúbio. Mas não é limítrofe ao mar. Tinha visões românticas sobre o mar. Inclusive era um navio de passageiros italiano que festejou a passagem pelo Equador. É, foi bem interessante. Eu sei que vim para cá e encontrei aqui, além da minha tia, os filhos dela. Meus primos, que tinham, mais ou menos, a minha idade. E a família da minha tia nos recebeu melhor impossível. Eles mudaram de casa, alugaram uma casa bem maior. Acolheram meu tio, minha tia, minha mãe e eu, e mais uma tia-avó. A família salvou a nossa vida desse jeito.

CA – *Muito bonito, professor. Me lembrei de outros trabalhadores entrevistados pelo Projeto. Ao serem perguntados sobre suas biografias, surgiram relatos de solidariedade, de amparo mútuo, de “um ajudar, salvar o outro”. Como o caso de sua família.*

PS – Sim, de refugiados.

CA – *Vítimas de toda sorte de injustiça, como refugiados.*

PS – Nós tivemos a grande sorte de ter parentes no Brasil.

CA – *Conversei sobre isso com Nelsa.⁸ Ela me falou sobre a situação delas anterior à cooperativa: “o mundo do trabalho, pra nós, estava degradado. Estávamos desamparadas. Tivemos que cuidar umas das outras. [...]”. Ou seja, trata disso, de como pessoas em situações de desamparo têm que cuidar umas das outras. Só podem contar umas com as outras.*

PS – Você está certa. Minha biografia passa pelo movimento kibutziano, de jovens judeus socialistas. E o movimento kibutziano estava se desenvolvendo em Israel. E até hoje continua se desenvolvendo. A ideia era todos os jovens irem pra Israel e morar juntos. Portanto, muito próximo do que você está procurando. Eu estive no movimento anos a fio. Eu cheguei com oito anos no Brasil e poucos anos depois foi criado em Israel, nas circunstâncias de Israel, o movimento sionista. Ele fez uma convocação dos judeus para irem para Israel.

Eles conquistaram o território, depois daquele massacre enorme, que Hitler estava fazendo. Enfim, eu me tornei membro do DROR.⁹ Eu não era sionista. Não me convenci que o sionismo fosse uma coisa muito boa. Mas me convidaram a ser membro e eu não tinha nenhuma filiação política de espécie nenhuma e estava interessado. Aceitei. Entrei no movimento, não sei exatamente a data, mas foi próximo à criação do Estado de Israel. Por ali, semanas depois.



Paul Singer
(1932-2018)

Entrei lá com grandes dúvidas quanto ao sionismo. Eu achava que a questão era ficar no Brasil mesmo e lutar pelo socialismo, e não ir para outro lugar, para ver se lá você consegue fazer alguma coisa. Isso não me impediu de ficar no movimento e até de me tornar líder do movimento. Era democrático. O movimento tinha, se não me engano, alguma coisa como duas mil a três mil pessoas em São Paulo, só em São Paulo.

Havia muitos jovens organizados nos bairros de São Paulo, na Lapa, na Mooca, onde havia um pouco de judeu. Onde havia comunidade judaica. A política era um ponto de interesse muito grande, a gente discutia muita política. Eu participava como um membro entre tantos outros. E passei a ler muito sobre Marx, Engels, a história do socialismo. E coisas por aí. E, além disso, fui pra escola no Brasil. Aprendi o português. Me formei no grupo escolar.

CA – *O senhor fez escola técnica também, não? Eletrotécnica?*

PS – Sim, depois. Por ser do DROR, dessa organização, tomamos uma decisão coletiva. Era bem democrático. Fizemos uma assembleia, algumas centenas de pessoas. A questão era o que iríamos estudar, já que não iríamos para Israel imediatamente e estávamos na beira de entrar na universidade ou no segundo ciclo, dependendo da idade. Deviam estar entre oito anos e 25 anos de idade. Rapazes e moças, estávamos juntos. E muito interessados em política em si. Aí, o comunismo de um lado, o socialismo do outro, e coisas por aí. Eu me politizei muito.

CA – *Ali, pelo visto, foi um importante celeiro de ideias.*

PS – Foi. Você pode colocar essas palavras porque é isso mesmo. Havia muita gente da minha idade. Eu tinha, digamos, 13, 14, 15 anos, e por aí havia outros jovens como eu. Nós tínhamos uma sede na Rua Prates, em frente da Estação da Luz, onde tem um lugar muito gostoso de passear. Era um hábito nosso, nessa época, nos encontrarmos no Jardim da Luz, que ficava do outro lado da rua da nossa sede, para conversar. Não era uma reunião porque às vezes éramos dois. [risos] A primeira pergunta que a gente se fazia um ao outro era: “O que você está lendo?”. Todos nós estávamos lendo alguma coisa. [risos] Isso levava a conversas, as conversas à troca de ideias. Foi um período muito feliz da minha vida. Confesso a você, *eu virei professor em função dessa vivência.*

CA – *Emociona ouvir o seu relato, professor. Eu fiquei pensando sobre não estar convencido pelo sionismo. Mas, na experiência do movimento, algo o convenceu a ficar esse período nele. Agora, ouvindo-o mais, dá para entender porque continuou.*

PS – A minha intenção era entrar no kibutz e praticar o socialismo democrático etc. O kibutz é democrático. E havia a grande opção do comunismo, na época. O mundo dividido pela guerra fria e tudo mais. O ponto, digamos, de virada da minha vida foi quando eu me tornei um semiadulto, entre aspas, com 20 anos. Quer dizer, o movimento como era grande, homens e mulheres, éramos classificados por grupos de idade. Então você subia de grupo de tempos em tempos para ficar com pessoas o mais próximo possível da sua idade. Só que

quando nós criamos o movimento, a gente recebeu a doação de uma área em Israel para fazer um kibutz. E o kibutz foi criado. Eu estava no Brasil, não estava em Israel. Os meus companheiros tinham ido para Israel e estavam lá. Era um antigo kibutz de judeus egípcios. Eles tinham migrado para Israel e, com o tempo o kibutz entrou em crise. Eu sei que o kibutz estava pedindo gente. E a agência judaica era a dona da terra. Eles forneciam a terra a grupos de jovens que queriam fazer kibutz.

CA – *O direito do uso da terra, digamos assim.*

PS – Exatamente. E eles souberam dessa crise dos egípcios, dos judeus egípcios, e que havia um DROR brasileiro que estava procurando uma área para fazer um kibutz. Então estava, mais ou menos, predestinado que nós sucederíamos os egípcios e, junto com eles também, cuidaríamos de lá. Aprenderíamos hebraico juntos, porque ninguém sabia. Bom, o fato concreto é que, numa certa altura, chegou a minha vez. Ou seja, o grupo que estava maduro para sair do Brasil e ir para o kibutz, eu estava entre eles. Aí eu entrei numa situação de crise pessoal. Ela se referia a meus pais. Eles eram pobres. Quero contar para vocês a verdade, porque senão não fica claro. Quem sustentou a família foi minha mãe. Minha mãe chamava-se Carolina.

CA – *Carolina, nome bonito.*

PS – Sabe por quê? Porque uma mulher, possivelmente muito rica, em Viena, fez um testamento, alguma coisa assim, deixando um dote para as meninas que adotassem o nome de Carolina. E os meus avós eram operários. Meu avô conheceu minha avó na fábrica. Os dois trabalhavam numa fábrica de pentes. Ali eles se conheceram. Provavelmente namoraram, e acabaram casando, e tiveram minha mãe e meus tios. Eu conheci meus avós, que depois ajudaram a me criar. Minha mãe trabalhava. Minha mãe nos sustentou porque ela trabalhou como costureira. Ela conseguiu uma bolsa de estudos na melhor casa de costura de Viena. Com muita fama etc. De fato, minha mãe, Carolina, era boa costureira. Ela tinha uma freguesia entre a comunidade judaica de São Paulo, que não é pequena. Então ela tinha freguesas. Algumas vezes fazia também roupa para as meninas. Enfim, ela ganhava o suficiente para sustentar a família. Ela casou de novo. Eu tive um padrasto, que era um judeu alemão, e que era bastante religioso. Ele teve instrução religiosa judaica, que eu nunca tive, nem me interessei. Mas ele tinha uma formação e tinha uma boa voz. Ele cantava.

CA – *Cantava...*

PS – É, porque o serviço religioso judeu é cantado. Eu não tenho nenhum pendor pra cantar. [risos] Mas ele ganhava algum dinheiro trabalhando em indústria de judeus. E nas grandes festas ele ia lá cantar. E ganhava uma gorjeta, alguma coisa assim. Essa é a história, um pouco, da minha família. Portanto, eu era filho de um operário e de uma costureira. E neto de dois operários, um homem e uma mulher que eram colegas de fábrica. Eu estou tentando responder coisas nas quais você estava interessada.

CA – *Sim, sua origem e seu percurso como trabalhador.*

PS – O quanto isso influenciou minha vida eu não sei te dizer.

EE – *Essa decisão, ir para o kibutz ou ficar no Brasil, foi marcante, imagino.*

PS – Foi histórico e me obrigou a sair do DROR. O fato objetivo foi esse, ocorreu quando minha geração começou a se preparar, a fazer as malas, a terminar os cursos em que tivessem, inclusive, a sair das universidades do Brasil. Porque chegamos à conclusão de que, uma vez na universidade, você não migra mais do país. Você tem uma carreira... [...]

Nós fizemos uma reunião famosa, ficou na história, em que o movimento inteiro, sei lá, mil pessoas, decidiram não ir para a Universidade. Porque se fossemos, não iríamos para Israel. Você se forma em medicina, no Brasil. Você vai abandonar a medicina para ser camponês em Israel? Provavelmente, não. Então nós decidimos que ninguém vai pra Universidade. [risos] Nós tínhamos companheiros que eram alunos de engenharia, alunos de medicina, várias carreiras. Eles largaram mesmo. Foi uma decisão política entre nós, e saíram. Agora, o que eu queria contar para vocês é que chegou um momento em que o meu grupo de idade iria para Israel, porque o kibutz estava criado. Já havia um espaço, havia casas, era possível morar. E viver. Mas eu achava, e acho ainda, que eu tinha uma obrigação moral com meus pais. Eu não ia sair do Brasil e deixar os dois precariamente. O meu padrasto ganhava, pelo que ele cantava nas cerimônias, muito pouco. E minha mãe com a costura fazia força e se mantinha, mas um tanto precariamente.

CA – *O senhor tinha uma participação na renda familiar nessa época?*

PS – Nenhuma. Eu não tinha ganhos. Eu ia para a escola, só. Nessa época eu não tinha trabalho ainda. O que aconteceu, e tem tudo a ver com o que você perguntou, é que quando nós decidimos não entrar na Universidade, pensamos, o que nós vamos estudar? O que nós vamos fazer no kibutz quando a gente estiver lá? Isso foi discutido entre nós. E abrimos a nós próprios opções. O que cada um quer ser? Eu decidi que seria eletrotécnico. Se você me perguntar como e por quê, eu não saberia dizer a vocês. [risos]

CA – *Essa era uma das perguntas [risos]*

PS – Eu sei que, na época, eu tinha, sei lá, trinta opções. Eram cursos técnicos. Eu entrei numa escola técnica em São Paulo. Uma escola federal.

CA – *A Getúlio Vargas?*

PS – Acho que tinha esse nome. Era no Brás. Era uma escola técnica masculina, outra feminina, era separado. Eu fui estudar eletrotécnica e não aprendi nada de eletrotécnica nessa escola. [risos] Pra ser muito sincero. Porque a escola não tinha as instalações elétricas necessárias, o laboratório não tinha nada. Tinha tudo de mecânica. Então eu aprendi a limar, a tornear. Me tornei um torneiro não muito bom, mas, enfim, dava pro gasto. Aprendia com os outros. Me formei. Para resumir a história, passei quatro anos lá, a duração do curso. Houve um lado do curso que foi importante pra mim. Era, como diríamos, o atual

Ensino Médio. Tinha inglês, tinha português. Tenho impressão que teve até um pouco de latim. Porque a ideia era dar aos alunos, mais ou menos, a formação que eles teriam caso fossem prestar um concurso. Eu fiz o curso, sobretudo essa parte, fiz bem. E havia uma parte prática. Aí eu aprendi a toronar e não-sei-o-quê mais. Agora, eu vou dar uma de orgulhoso. [risos] A melhor peça do grupo, da minha classe, e a pior peça, eram colocadas em exposição. Para as pessoas perceberem o nível e o desnível, coisa assim. Bom, todas as peças que eu terminei foram para exposição, porque eram as piores. [risos] O maior amigo meu era um rapaz descendente de japoneses, cujo pai era marceneiro. Então ele tinha o que aprender em casa. Eu tinha uma costureira em casa. Mas meninos não aprendem a costurar. Se eu fosse menina, seria diferente.

CA – *Sim, ainda mais naquela época. Ótima história!*

PS – Tudo isso é parte da minha história. O fato é esse. Fiz a escola técnica, me formei. Apesar das, digamos, minhas duas mãos esquerdas na hora de toronar. [risos] Eu aprendi bastante. Esse amigo meu, filho de marceneiro, me ensinou, me ajudou muito. Eu não fui infeliz.

CA – *Solidariedade de classe...*

PS – É! A gente vira amigo e não há por que não. Meu problema era esse, eu tinha que levar meus pais a Israel. Se eu fosse para lá, teria que levá-los. Eu achava que era minha obrigação moral. Fui me informar e soube que a agência judaica, que financia os kibutzim, sustentava os pais. É um processo de imigração de jovens que, muitas vezes, tinham de se fazer acompanhar dos pais. Os pais, já velhos, os mais idosos etc. Então havia um programa pra isso. A pessoa, o casal, viveria no kibutz junto com o filho. Eles tinham direito a um apartamento, tal como tantos outros. E trabalhariam à medida que pudessem e quisessem. Eram tratados como os outros. Isso me deixou, eu diria, muito contente.

Quando chegou minha vez de começar a me treinar para fazer parte do kibutz, eu resolvi falar com a minha mãe. Disse: “Mãe, eu vou ter que imigrar. Quero imigrar”. Ela tinha apoiado minha entrada no DROR. Ela não foi contra, então expliquei para ela a situação e disse: “Olha, venham você e o Júlio”. Júlio era o marido dela. “Vocês vão trabalhar lá. Vão aprender a língua, provavelmente. Você vai costurar, se você quiser. Ele é um trabalhador manual, mas isso não impede nada. E vamos juntos.” Sabe qual foi a resposta da minha mãe? Nunca esquecerei. Ela olhou pra mim e disse: “Eu, viver só entre judeus o resto da minha vida? Jamais”. Eu não esperava isso dela. Bom, isso era para dizer: “Não fale mais comigo sobre isso”.

CA – *“Está encerrado o assunto. Está fora de questão.”*

PS – É. Aí, eu caí em mim. Falei: “Bom, agora o que eu faço? Porque eu tenho que imigrar com as pessoas com as quais eu militei anos junto”. Eu tenho obrigação moral com minha gente do DROR, mas também com meus pais. O fato de minha mãe não querer ir para um kibutz... Não vou dizer que ela era antissemita, obviamente não era. Mas ela devia ter preconceitos.

CA – *Talvez ela tivesse um apreço pela diversidade? Não sei se estou supondo mal.*

PS – Olha, os judeus em Viena eram todos imigrantes. O cunhado dela, meu tio, era um imigrante polonês. Em Viena, vivia-se com muita dificuldade. Trabalho não havia, era época de crise. E, em parte, quem o sustentou foi minha tia, que tinha aprendido a fazer chapéus. Depois, eles vieram pro Brasil e salvaram nossas vidas, conseguindo o visto pra cá. É um pouco essa a minha história.

Então, eu decidi deixar o DROR. Eu não podia continuar lá como dirigente maior do movimento. Eu fui eleito pra isso. Mas se eu não estava seguindo o que estava encaminhando... E contar a história da minha mãe para eles, quer dizer, não iriam entender.

CA – *Significou uma ruptura?*

PS – Fato concreto é que eu tomei a seguinte decisão, faz parte da minha biografia: chamei uma reunião geral, era a tradição do DROR. Há uma situação importante a ser discutida, marca-se um horário. Nós tínhamos uma sede grande lá na Rua Prates. Cabiam algumas centenas de pessoas. Reuniu-se o pessoal. Todo mundo veio. Porque eu era, digamos, o secretário-geral do movimento. Eu não tive coragem de repetir o que minha mãe falou. Era chocante demais para mim mesmo.

Eu disse que havia me convencido de que, para lutar contra o antissemitismo, o fascismo etc., você faz melhor no seu país que indo para Israel. Portanto, resolvi que não vou. *Vou lutar pelo socialismo no Brasil.* Eu me lembro que eu defendi esse ponto de vista. E disse: “Quem estiver de acordo comigo e quiser ficar comigo, vamos ficar juntos. Quem, de acordo com tudo combinado, quiser ir para Israel, não tenho nenhuma objeção. Apenas não vou. Porque eu, politicamente, cheguei à conclusão que é melhor pro socialismo, e pra mim, ficar aqui”. E não houve muita discussão, pra falar a verdade. Eu esperava que muita gente falasse, mas não falaram. A grande maioria não concordou comigo. E a lógica seria sair do DROR e ficar no Brasil. [...] Alguns alunos do DROR eram excelentes alunos. Eram chamados *gênios*. Um deles publicamente tomou a mesma posição que eu, concordou comigo. E ficou aqui, no Brasil. Ficamos e fomos fiéis ao que dissemos: nos organizamos para lutar pelo socialismo no Brasil. Criamos um movimento de jovens que, depois, acabou desembocando no Partido Socialista.

CA – *Partido Socialista Brasileiro?*

PS – Brasileiro, inteiramente brasileiro. O partido já existia. Enquanto eu estava no DROR, nós apoiávamos o partido. Quando havia eleições, nós votávamos nos candidatos socialistas. Na época as eleições eram feitas com pedacinhos de papel, onde estava impresso o nome do candidato, o partido político etc. E tinham que ser distribuídos. Os partidos pagavam para uma pessoa pobre fazer esse trabalho. Isso nós fizemos no Partido Socialista. Era uma maneira de darmos nossa contribuição ao socialismo. Pouco depois, tendo saído do DROR,

me filiei ao Partido Socialista. E logo me naturalizei brasileiro. Essa é um pouco a minha história.

CA – *É muito bonito ouvi-lo contar. Dá pra sentir, inclusive, a tensão envolvida nos momentos mais emblemáticos. A situação de se ver diante da necessidade de fazer uma escolha segundo seus princípios. Isso me faz pensar na proximidade entre ética e política.*

PS – Tem absoluta razão. São momentos. Quer dizer, não há uma regra contínua. Mas de vez em quando você está diante de dilemas. Você não quer nem um, nem outro, mas tem que escolher. Por isso te contei sobre a reunião que eu convoquei pra discutir o meu problema. E todos vieram, e quando eu saí, continuei amigo de todos. Ninguém rompeu laços de amizade comigo. Porque eu digo, com muita gratidão, eles podiam ter voltado as costas. Mas, não. Realmente, não. Me mantive amigo deles até o fim. Até irem pra Israel. Aí, evidentemente, deixamos de nos encontrar. Mas até lá continuamos nos encontrando no Jardim da Luz.

CA – *Talvez tenha influenciado a reação deles o seu modo de proceder com o grupo, além do argumento que embasou a escolha, lutar pelo socialismo aqui. [...]*

PS – Nessa época, eu tinha terminado o curso de Eletrotécnica. Então estava formado. A primeira coisa que fiz, além de entrar no Partido Socialista, foi entrar no sindicato. Era a coisa mais óbvia, lógica, a fazer. Queria, inclusive, encontrar outros sindicalistas, companheiros etc.

CA – *Aí a gente verifica a sua identidade como trabalhador, não, professor?*

PS – *É. Literalmente isso.* Acontece que isso deve ter sido em 1950 e poucos. Eu devia ter 21 anos, alguma coisa assim. Muito jovem ainda. Agora, como me formei, eu podia trabalhar em uma época em que se procuravam eletrotécnicos e gente semelhante. E eu me lembro que nós, recém-formados, éramos um grupo. Todos homens, porque era uma escola masculina. Os grandes industriais mandavam os seus agentes, pra selecionar e nos convidar a trabalhar. Era mais do que isso. Eu fui convidado pela fábrica de elevadores Atlas.

Era a maior fábrica de elevadores da América do Sul. Quando me ofereceram emprego, eu obviamente aceitei. Porque tinha pais que eu queria ajudar, além de manter a mim mesmo. A minha primeira experiência de trabalhador foi na Atlas. E essa experiência foi, eu diria, vital. Por quê? Porque logo depois eu comecei a frequentar o sindicato, ia nas assembleias como militante, surgiu o momento de pedir aumento de salário. Não eu, as categorias. E era uma enorme quantidade de categorias profissionais em São Paulo. Eram trabalhadores metalúrgicos, enfim, todas as categorias. Eram muitas. E o patronato resolveu não negociar conosco. Disseram: “Nós não temos nada a negociar. Não vamos dar aumento de salário. Virem-se”. Ou qualquer coisa assim. Aí os sindicatos se reuniram, sob a liderança do Partido Comunista, que era o mais forte dos sindicatos, sem dúvida. O Partido Socialista vem depois. *E eu descobri, na mesma época, na época de luta, a presença muito forte dos socialistas cristãos.* Eram

meus companheiros favoritos. [risos] É gozado isso. Eu não sou cristão, mas tinha tudo em comum com eles e nos tornamos grandes amigos e amigas. E o sindicato entrou em greve. Não havia outra opção. Nenhuma. O aumento que nós estávamos lutando, todas as categorias queriam o mesmo aumento, era o da inflação.

CA – *Era reposição de perda salarial?*

PS – Exatamente, reposição de inflação oficial. Se não me engano, o aumento que nós estávamos pedindo era da ordem de 32%. Que acabou sendo conseguido, mas de uma forma, eu diria, menos esperada. O fundamental foi essa história. O Partido Comunista, como tinha as principais lideranças dos sindicatos, uniu os sindicatos pra fazer uma greve conjunta. Teria muito mais força, evidentemente, do que cada categoria sozinha fazer a sua luta. Então eu atribuo isso ao Partido Comunista. Eu não era membro do Partido Comunista, pelo contrário, acabei me tornando do partido rival, que era o Partido Socialista. Porque os comunistas eram, realmente, dominantes. Então, nessa época, quando houve a grande greve que durou meses e paralisou São Paulo, a direção política do movimento era fundamentalmente de lideranças sindicais do Partido Comunista.¹⁰ Mas não somente, havia outros socialistas e gente ligada às pastorais operárias. Aí eu conheci o que é o socialismo cristão e me tornei amigo deles todos.

CA – *Imagino que essa tenha sido uma experiência inesquecível.*

PS – Exatamente. Foi, eu diria, formativa pra mim. O que aconteceu? Porque éramos uma massa humana tão grande que a prefeitura de São Paulo cedeu a nós, grevistas, um estádio de futebol. Era o estádio do Juventus. O Juventus era o clube de futebol de uma indústria de tecelagem. Uma grande indústria de tecelagem na Mooca. Esse estádio foi cedido ao comitê da greve. E eu passei durante uma boa parte da greve, que durou meses, no estádio.

CA – *Era uma espécie de acampamento?*

PS – Não tanto. Eu dormia em casa. Mas durante o dia eu estava lá. Como parte da atividade sindical. Por quê? Uma greve de tanta gente demora meses até abranger todos. Uma empresa entra em greve. Aí outras próximas também entram. É gradativo. Vai indo. Eu vivi essa expansão da greve no estádio. Eu era membro do chamado comitê de salários. Era o comitê que, teoricamente, estaria negociando com os empregadores. Digo teoricamente, porque eles não queriam conversar conosco. E aí vem uma lembrança... Eu estou dando um depoimento autobiográfico. Aconteceu o seguinte, nós fizemos a greve na Atlas. Eu participei do comitê de greve. Não dos piquetes, porque eu achava que não era necessário e, de fato, não era. Uma das coisas que eu lembro bem, e que senti profunda vergonha, é que nós continuamos trabalhando. Quer dizer, decidimos fazer a greve, mas não conseguimos começar no momento que os outros estavam começando. Havia situações específicas. Que eu me lembro, foi um grupo grande de grevistas mulheres. Tecelãs. Eram nossas principais parceiras.

CA – *Mulheres. Que interessante!*

PS – Os grandes sindicatos que comandavam a greve eram metalúrgicos e tecelãs. Eram os grandes, vamos dizer assim, conglomerados operários da greve. E as tecelãs pararam na porta da fábrica e nos chamaram: “Venham pra cá! Venham se juntar a nós!”. E eu estava trabalhando. Eu fiquei com vergonha. Eu fiquei ouvindo bastante envergonhado. Mas são essas lembranças que permanecem. Permanecem. É... Eu estou contando a vocês um processo educativo e, ao mesmo tempo, de politização, de formação, do qual usufruo até hoje.

EE – *O comitê de salários tinha que lidar com coisas como inflação, com cálculo?*

PS – Tem razão, é isso mesmo. Nós tínhamos atividades intensas. Durante a época da greve, quem estava no comitê de salários não tinha descanso algum. E o não descanso era ficar o dia inteiro no estádio, recebendo as delegações de trabalhadores que estavam entrando em greve. Levou meses até todas aquelas fábricas entrarem em greve. E a primeira coisa que eles faziam, uma vez em greve, era ir pro estádio pra se inserir na greve e encontrar os outros grevistas todos. E eu ficava lá, uma parte porque eu queria, um pouco era minha obrigação junto com os outros. Eu me lembro de um episódio que foi bastante representativo: eu recebi uma delegação de grevistas de uma fábrica metalúrgica cujo mais velho deles tinha 14 anos. Eram meninos. Vieram conversar com a gente. Conversaram comigo, conversaram com os outros. E depois eu subi até a tribuna no estádio e os apresentei: “Olha, companheiros, essa meninada aqui está do nosso lado, estão participando da nossa luta”. Foi difícil, e inesquecível.

CA – *Imagino. E o senhor teve a missão de acolhê-los.*

PS – É. Uma greve de massa como essa, que a gente fez impensadamente, no sentido de que nós não sabíamos até onde ia chegar. Sem dúvida marcou muito. E a coisa não terminou. Terminou a greve. Mas antes da greve terminar, houve um choque entre o Partido Comunista, sindicalistas do Partido Comunista, e os que não eram do Partido Comunista. Por quê? Porque nós tínhamos um metalúrgico e havia sido um grande jogador de futebol. E era do Partido Comunista. E era uma liderança. Eu imagino que, em parte, pelo seu prestígio de jogador, também. O que que o desgraçado fez? Lá no estádio, cheio de pessoas ali, grevistas etc. Ele, simplesmente, terminou a fala dele convocando as pessoas a saírem em passeata com ele. Sem discutir antes conosco. O mínimo que ele tem que fazer é propor: “Vamos fazer uma passeata?”. Porque nos deram o estádio para não fazer passeata. Porque a polícia ia em cima. Você não podia fazer passeata e paralisar um bairro...

CA – *Uma ação isolada e perigosa, não?*

PS – Pois é. E nós ficamos doidos da vida. Quer dizer, era uma organização, mais ou menos, democrática. Você não tomaria uma decisão como essa da tua cabeça. Ele foi um irresponsável. Só isso. Não estava querendo sabotar nada. Deu uma inspiração nele... [risos] Ele estava sendo aplaudido, provavelmente.

Tinha prestígio de grande craque. Eu sei que ele chamou a passeata e foi pra rua mesmo.

CA – *E houve repressão?*

PS – Se não me engano, a polícia reprimiu. Ele deve ter apanhado, provavelmente. É possível, porque ele estava à frente, estava liderando. Mas não todos éramos do Partido Comunista. O que éramos? Anarquistas, socialistas, católicos. Éramos um grupo variado, e grande. O presidente do sindicato dos metalúrgicos não era de partido nenhum. Mais tarde entrou no Partido Socialista. Ele chamava-se Remo Forli.¹¹ Era uma liderança sindical de grande peso. Ele é meio parecido com o Lula, o tipo humano... Era uma liderança interessante. Haviam outros. O líder dos tecelões também não era do Partido Comunista.

CA – *Aí houve, de fato, uma ruptura no movimento?*

PS – Houve uma ruptura, mas que não passou da ruptura oral. As reuniões continuaram. Não fazia sentido você romper com uma greve dessa magnitude, por uma atitude, eu diria, um tanto irresponsável. E isolada. Eu me lembro... Tudo isso são memórias. Eu me lembro que nós tínhamos que fazer reuniões pra acertar nossas táticas em ralação ao Partido Comunista, que era majoritário. Éramos socialistas, cristãos e nos reuníamos. Nós fizemos uma associação de orientação sindical. Éramos, na verdade, sindicalistas não do PC. E a gente fazia reunião sabe aonde? Na sede dos anarquistas. [risos] Não tinha um partido político formal, mas era uma organização. E eu nunca tinha ido nessa sede. Mas quando eles nos ofereceram a sede, então: “Reúnam-se aqui”. Lá fui eu.

CA – *Que interessante!*

PS – E a sede era bastante decorada, com fotografias, quadros e desenhos. [risos] Lembro de um desenho grande com um clérigo gordo, podia ser um papa, enfim, sendo carregado pelos trabalhadores, coitadinhos. Fiquei com vergonha. O que estou fazendo aqui? Eles eram, realmente, anticlericais. Era uma tradição que vinha da Europa. E gente muito jovem, né?

CA – *Sim. E, ao mesmo tempo, havia algo que permitia esse encontro entre perspectivas diferentes e, em alguns aspectos, opostas. Mas que partilhavam pontos em comum que pareciam aglutinadores, não, professor?*

PS – Você está certa. A grande briga entre os socialistas e comunistas era a ditadura dos comunistas. Nós não aceitávamos, mas nem a tiros. Eram militantes muito mais velhos do que nós que começamos dessa maneira. Muitos deles foram trotskistas, uma época. Depois deixaram de ser. Eu aprendi a importância da democracia no Partido Socialista, na vida política mesmo. Claro que a ideologia pesava um tanto.

CA – *Essa passagem de seu percurso deve ter influência na construção da Economia Solidária adiante, não? Pareceu de fato um celeiro de experiências plurais e democráticas.*

PS – É... Olha, eu não conseguiria formular melhor que você.

Houve algo que eu queria ainda dizer, uma coisa muito significativa na minha vida. É que nós voltamos a trabalhar [após a Greve dos 300 mil]. E a justiça do trabalho interveio na greve e nos deu exatamente o aumento que nós tínhamos pedido. Eles deram uma sentença dizendo que os trabalhadores, de fato, foram vítimas de uma inflação e, portanto, precisavam receber esse aumento. Com isso, terminou a greve e fomos vitoriosos, no sentido do que nós queríamos.

E a primeira coisa que aconteceu, quando voltamos à fábrica de elevadores, foi que a direção da empresa queria falar conosco. Conosco significa a liderança dos trabalhadores. Vieram falar, dizendo o seguinte: “Olha, vocês entraram em greve sem avisar antes. Nós não sabíamos se vocês iam entrar em greve e quando. A certa altura, nos reunimos e decidimos dar o aumento. E aí fomos falar com vocês, mas não tinha mais ninguém na fábrica”. Mas por que que eles vieram contar isso? Porque resolveram que devia haver uma comissão de fábrica dos trabalhadores, eleita pelos trabalhadores, que se reuniria uma vez por mês, aproximadamente, com a alta direção da empresa para discutir o que está acontecendo, do que os trabalhadores estão se queixando, enfim.

CA – *Uma instância de mediação?*

PS – Sim. Um contato frequente, para não acontecer de novo isso, um problema que eles achavam que podiam resolver, mas, de repente, o outro lado já foi embora. Bem, nós fizemos a eleição. Fomos convidados pela direção da empresa, reunimos os trabalhadores e tal. E os trabalhadores votaram. Eu já estava muito envolvido na fábrica, na greve etc. Posso estar enganado, talvez não tenha sido o mais votado, mas fui bastante votado. [risos] Não houve campanha nem nada. Houve uma votação secreta. As pessoas preencheram uma coisa, colocaram numa urna e lá estávamos nós. Quer dizer, fiz parte de uma comissão de fábrica eleita pelos colegas pra manter uma relação contínua com a direção. O que, pra mim, foi maravilhoso. Se eu quisesse fazer uma pós-graduação em gestão de empresa industrial, nada melhor.

EE – *O senhor conheceu a gestão da empresa.*

PS – Exatamente. Eu participei durante, não saberia dizer quantos meses, mas foram meses. Foi um ano, um ano e meio, aproximadamente. [...] *Eu dizia aos meus companheiros, isso é luta de classes.* Luta de classes acontece de manhã até a noite. *Os interesses são opostos.* E foi, enfim, parte do meu aprendizado. Quando essa comissão completou, se não me engano, um ano, a direção da fábrica resolveu encerrá-la. Disseram que não queriam mais se reunir porque nós não fizemos durante o ano inteiro nenhuma sugestão a favor deles. [risos de todos]

A gente não fazia porque nem pensava nisso. Mas o fato é verídico. Quer dizer, eles estavam sentidos conosco. Nós estávamos sendo ingratos. Nós éramos dispensados do trabalho, não me lembro se uma vez por semana, para representar os trabalhadores. Fizeram uma concessão a nós. Eles estavam esperando sugestões nossas. Nem passou pela minha cabeça. Acho que pelas de

meus companheiros também não. Não era por não colaborar com os patrões. Era meramente porque nós tínhamos outras preocupações.

Eu sei que eu saí da fábrica. Eu mudei de patrão. Ou seja, fui trabalhar numa fábrica da Philips. Porque, depois de ter passado por essa experiência, ficar lá não fazia muito sentido pra mim. Eu precisava do salário, evidentemente. Mas ocorreu uma vaga pra eletrotécnico numa fábrica em que eu poderia ir à pé. Era mais perto de onde eu morava, em Vila Mariana. Então eu pedi as contas. Fui trabalhar em outro lugar.

CA – *É realmente uma experiência muito interessante, professor. A experiência dessa comissão, como trabalhador. Significa viver a tensão da luta de classes no cotidiano.*

PS – *Você está colocando no teu vocabulário o que eu estou querendo dizer mesmo. Luta de classes não é uma coisa que Marx inventou. É uma coisa da vida mesmo. São oposição de interesses que se chocam.*

CA – *E, nesse sentido, podemos dizer que a Economia Solidária vem desse choque de interesses, professor?*

PS – *Eu quero dar uma resposta pensada, porque é interessante em si. Quer dizer, a Economia Solidária veio realmente da crise de 1981, que eu mencionei no início da nossa conversa. Em que, através da Cáritas, eu achei a Economia Solidária. Eu não inventei a Economia Solidária, meramente aceitei o alvitre do Mercadante [risos]. Achei uma boa. Mais tarde, eu soube que a Economia Solidária estava sendo usada no Chile, em outros lugares, enfim. E provavelmente a origem é a Igreja. A palavra Economia Solidária tem um tom de socialismo cristão. Eu sei que eu aceitei o alvitre do Mercadante. Éramos amigos, colegas. Ele fez a sugestão e eu disse imediatamente: “É isso mesmo. É assim que eu quero chamar”. Com o passar do tempo, eu comecei a perceber que o importante em Economia Solidária é a palavra *solidária*. Ela dá uma qualidade da relação humana entre os companheiros, que é fundamental, que não dá para minimizar. A solidariedade entre nós, trabalhadores, é essencial. A cada um isoladamente e a todos. Então eu escrevi um pouco sobre isso e, mais tarde, sobre outras coisas.*

CA – *É muito sábio isso, professor. E faz eco com o que tenho ouvido dos trabalhadores do movimento. Como o imprescindível, o improvável histórico, se torna possível, a partir do outro, da reunião solidária de vários outros.*

PS – *Quanto a isso, eu estou quinhentas mil vezes de acordo. A ajuda mútua é essencial. Isso que vocês vieram fazer aqui, hoje, conversar comigo, pra mim é essencial.*

CA – *Pra nós, então, é uma satisfação imensa.*

PS – *Não. Eu estou contando coisas minhas, e vocês também vão fazendo perguntas e observações. Nós estamos aprendendo mutuamente. A verdade é essa.*

CA – *Sua generosidade, a de sempre. Professor, isso me fez pensar sobre o fato de a Economia Solidária, como conceito, “vir depois”, em muitos casos. Ou seja,*

os fenômenos da ajuda mútua, da solidariedade, entre trabalhadores/as, sempre existiram. No meio urbano ou rural, sob diversos arranjos. O Sr. mesmo discute isso em textos, não é?

PS – Sem dúvida. Você tem razão. Lembre-se que a Nelsa Nespolo é companheira de luta. Ela também era do sindicato de trabalhadoras. Foi coordenadora, se não me engano, por alguns anos, da Juventude Operária [Católica]. Ela escreveu, não se se vocês sabem disso, uma autobiografia.

CA – *Soubemos. Ficou lindo o livro dela. O senhor fez um bonito texto de apresentação.*

PS – As pessoas pedem que eu faça prefácios. Obviamente, fiz o prefácio com muito prazer. Eu sou admirador dela. E o livro é extremamente interessante. A vida dela é interessante.

CA – *Muito. O que eu tenho feito nesse projeto é recolher experiências de trabalho e de militância, relacionadas com a construção da Economia Solidária. Eu vejo similaridade entre seu percurso, o percurso de Nelsa e de outros trabalhadores com quem tenho conversado. Claro, cada um na sua situação e contexto.*

PS – Eu queria acrescentar uma coisa, não como discordância do que você falou, que é perfeito. Meramente acrescentar alguma coisa a mais. Essa situação de crise econômica e política em muitos lugares, é basicamente o neoliberalismo que está criando tragédias humanas na Europa, na África, na Ásia, onde eles conseguem. E isso me envolve, como envolve muitos. O que eu queria dizer é que a experiência humana da Economia Solidária é uma coisa preciosíssima. E aí o papel da Igreja, insisto, é estratégico. O militante cristão tem uma série de valores que, provavelmente, o militante comunista também tem, mas à moda dele. A diferença não é de conteúdo, é de forma. Essa é minha opinião nesse momento.

Os comunistas. Tenho muitos amigos que são e eu os respeito, não é esse o problema. O problema é que eles falam em luta de classes, falam em ditadura do proletariado, e aceitam as monstruosidades que o Stalin fez, que matou milhões de pessoas. Quer dizer, esse era o grande debate que nós temos com os comunistas. Não era o capitalismo. [risos] Éramos contra o capitalismo do mesmo jeito. Apenas o fato de que a maneira de instaurar o assim chamado socialismo era uma farsa. Hoje se admite isso. Porque o comunismo foi liquidado pelas próprias populações. Vocês não acham isso estranho?

CA – *Sim, dá muito a pensar, realmente.*

PS – A minha geração foi criada na ideia fixa de que nós vamos pra Terceira Guerra Mundial. Era uma fatalidade. O mundo estava dividido em um mundo livre e um mundo comunista. Esses dois mundos teriam que se confrontar militarmente e matar milhões. Como não aconteceu. Muito significativamente, não aconteceu. E aí, de repente, surgiu um cara chamado Gorbachev que revolucionou a história. É o mundo antes de Gorbachev e o depois de Gorbachev. Gorbachev conseguiu, ele como liderança do partido na União Soviética, acabar com o stalinismo. Eu tenho um livro, eu estou lendo toda a minha biblioteca

agora, porque eu não estou indo pra Brasília sempre, e eu encontrei um livro precisamente sobre o que foi o stalinismo até Gorbachev. E foi terrível. Muitos intelectuais tiveram que se suicidar...

CA – *Sim. Perseguições terríveis.*

PS – Escritores, sobretudo. Não é que eles foram condenados à morte. Simplesmente à morte intelectual. Suas obras deixaram de circular. O que para um intelectual é terrível. O livro que eu estava mencionando é extremamente interessante. É um escritor russo judeu, curiosamente, que conta as histórias dos intelectuais. É especificamente interessado nisso. O livro é muito impactante. Porque os intelectuais que acabaram não sendo impressos, portanto, não puderam ser divulgados, foram taxados pela polícia política, sei lá por quem, por Stalin etc., como inimigos do povo soviético. Alguma coisa assim. Quer dizer, uma monstruosidade. Quer dizer, chamar isso de socialismo é aviltante.

CA – *É muita contradição.*

PS – É muita contradição. E o mais interessante, que o povo polonês, o povo alemão, o povo russo, o povo de todos aqueles países, acabou com o comunismo. Sem guerra, sem derramar sangue. Ninguém esperava aquilo.

Eles tiveram um período pouco mais liberal. Depois, Stalin substituiu Lenin. E ele apertou o sistema ao máximo que pôde. Os intelectuais russos estavam acostumados a certa tolerância. Quer dizer, eles não estavam escrevendo sobre política. Escreviam romances, poemas, peças de teatro etc. E ele mandou essas pessoas para campos de concentração. Muitos morreram, se suicidaram. Eu diria que na Europa, hoje, o antistalinismo é praticamente unânime. Os partidos comunistas europeus tripudiaram o stalinismo, senão não teria mais ninguém lá dentro.

CA – *Professor, tenho uma última pergunta. O senhor certamente viveu muitas experiências de encontros com trabalhadores/as da Economia Solidária ao longo de todos esses anos.*

PS – Sim.

CA – *Desses encontros, há algum que gostaria de destacar entre os mais significativos?*

PS – Bom, eu tenho um que eu posso te contar agora. Bom, enfim, sem mais adjetivos, prefiro dizer logo o que é. Alguns meses atrás, em setembro do ano passado, houve um Congresso Europeu de Economia Solidária, ao qual eu fui convidado com mais brasileiros. Uma delegação de cerca de dez brasileiros ligados à Economia Solidária, porque os europeus são muito interessados na Economia Solidária brasileira e queriam nos ouvir. Eu fui então lá. Quer dizer, aceitei. E nesse congresso eu conheci muita gente. E descobri uma coisa que me deixou bastante impressionado, estão surgindo movimentos dissidentes da Economia Solidária.

CA – *É mesmo?*

PS – Significa o quê? São agrupamentos de gente jovem, muito mais jovem do que eu. Que se organizam com princípios, eu diria, 99%, os mesmos que os nossos. Mas eles não usam Economia Solidária, eles usam *Economia Comunitária*. Esse é um exemplo, são vários. Eu fiquei impressionado. Quer dizer, é uma nova geração que não aceita nossa maneira de denominar, o que é absolutamente normal. É um direito de cada geração, definir a maneira de se exprimir.

CA – *Que interessante... Também o seu ponto de vista.*

PS – Eu quero contar para você rapidamente a história de uma dessas dissidências, que não são dissidências. Ela estava lá, por Economia Solidária, a moça. É um conjunto de jovens. Acho que jovens mulheres. Mas esse movimento, ele se especializou... É um movimento de entidades de economia. Ou seja, que produzem serviços, e vivem disso. Chama-se movimento de economia comunitária. Acho que esse é o nome. O que tem a economia comunitária de especial? Não saberia dizer a você. Ela coincide, a meu ver, com tudo que nós defendemos também. Não encontrei diferença. Acontece que eles se especializaram em comercializar os produtos da Economia Solidária próprios, deles próprios, e também de outros. De cooperativas etc. Mesmo porque, na Economia Solidária, no Brasil e nos outros países, uma das grandes dificuldades é o acesso a mercado. Realmente nossos empreendimentos, nossas cooperativas não têm recursos para enfrentar concorrência com um grande empreendimento capitalista. Um ou vários. Uma jovem senhora de Viena, curiosamente da cidade que eu nasci... É pura coincidência, resolveu inventar a Economia Comunitária. O que ela faz, realmente? Ela compra os produtos de outras cooperativas e vende. Sabe em quantos países eles estão? Quarenta!

CA – *Puxa!*

PS – Pois é. Eu fui ler várias vezes. Onde eles estão? Estão na América Latina, estão na Europa, acho que em todos continentes. E são interessantemente cooperativas de comercialização, não de produção. Podia ser de produção. Fariam o que eles quiserem.

CA – *E eles se identificam com o comércio justo?*

PS – É, exatamente. E surgiram em algum lugar na Europa e depois foram pra Argentina, depois foram pra algum outro lugar na América Latina. Eu sei que ao longo de alguns anos ficaram uma organização, eu diria, de grande tamanho. Eu depois vi fotografias dela, da moça que iniciou isso, e de outros. O que eu descobri nessa reunião europeia de Economia Solidária é que existem iniciativas novas. É isso. São pessoas que conhecem o que já foi construído de Economia Solidária. Como são diferentes, outra geração, sei lá, inventam coisas novas. No que, a meu ver, não há mal nenhum, pelo contrário. *Quanto mais diversifica, mais interessante fica.*

CA – *É. Interessante mesmo. São reverberações da Economia Solidária, muitas vezes.*

PS – É literalmente isso. Eu aceito. Reverberação é uma forma adequada.

CA – *Bem, professor, muitíssimo obrigada. Não tenho palavras, realmente, para agradecer o quanto a gente aprendeu hoje, aqui.*

PS – Como dizer a você? Eu queria te agradecer também. Estou falando sério. Você me ajudou a reproduzir um pouco do que aconteceu comigo. Nem sempre tenho essa oportunidade. E valeu. Valeu inteiramente. E nós somos velhos amigos, né?

CA – *Somos! Motivo de uma imensa alegria.*

PS – Companheiros meus desde o início na USP, na Incubadora. Na realidade, na incubadora etc. Temos biografias que se tocam. Eu agradeço por meu lado. Sinceramente, gostei que vocês vieram. Se vocês quiserem mais tarde voltar a me ver, voltem.

CA – *Será um imenso prazer.*

Notas

- 1 Para conhecer mais sobre a vida e a obra de Paul Singer, recomendamos a consulta ao seu site na internet, disponível em: <<http://paulsinger.com.br>>. Acesso em: 13 fev. 2018.
- 2 Esta entrevista é parte da pesquisa de pós-doutoramento de Cris Andrada. Intitulada *Vozes da Economia Solidária*: narrativas de resistência no mundo do trabalho, foi desenvolvida no Instituto de Psicologia da USP, sob supervisão da professora Leny Sato e apoio Fapesp (14/50801-2).
- 3 A Secretaria Nacional de Economia Solidária (Senaes), vinculada ao Ministério do Trabalho e Emprego, foi criada em 2003, na primeira gestão do presidente Lula. O professor Paul Singer esteve à frente dela, por indicação do Movimento, desde o início até 2016, quando a presidente Dilma foi afastada, em face de um processo de *impeachment* polêmico e muito questionado (em nota anterior, falamos mais a respeito).
- 4 Os fundos de apoio a miniprojetos, os chamados fundos rotativos solidários, foram impulsionados desde a década de 1980 pela Cáritas Brasileira e outras organizações sociais, e resultaram no estímulo a milhares de projetos alternativos comunitários (PAC), de cunho associativo. Disponível em: <http://www.unitrabalho.org.br/wp-content/uploads/2017/04/revista_23_04_17.pdf>. Acesso em: 23 out. 2017.
- 5 Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (Cebrap). Foi criado em 1969 por professores de diferentes áreas, que haviam sido afastados das universidades pela ditadura militar. Para saber mais, consultar <<http://cebrap.org.br/institucional/>>. Acesso em: 5 fev. 2018.
- 6 Em 2013, ocorreu a Semana Mundial do Comércio Justo e Economia Solidária, no Rio de Janeiro, evento do qual o Prof. Singer participou. Disponível em: <<https://mte.jusbrasil.com.br/noticias/100535209/comercio-justo-ministro-abre-1-semana-mundial-no-rio-de-janeiro>>. Acesso em: 25 jan. 2018.
- 7 À época, o professor Paul Singer estava à frente da Senaes, mas encontrava-se em licença médica.
- 8 Nelsa Nespolo, importante liderança do movimento, é também uma das trabalhadoras entrevistadas deste Projeto. É costureira, membro da Cooperativa Unidas Vencere-

mos (Univens), uma das proponentes da rede do algodão agroecológico Justa Trama, também autogerida. Para saber mais, consultar <<https://justatrama.com.br/home>>. Acesso em: 5 fev. 2018.

9 Para saber mais sobre a história do Dror no Brasil e sua ligação com os Kibutzim, sugerimos consultar: <<https://habonimrio.wordpress.com/nossa-historia/>>. Acesso em: 25 jan. 2018.

10 O professor refere-se à *Greve dos 300 mil*, que ocorreu em São Paulo, em 1953. Para mais informações, ver Neto (2011). Paul Singer também comenta a *Greve dos 300 mil* em matéria publicada pelo jornal *Folha de S.Paulo*, em 6.1.2004. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff0601200405.htm>>. Acesso em: 25 jan. 2018.

11 Para conhecer mais a respeito de Remo Forli, sugerimos consultar <<http://metalurgicos.org.br/centro-de-memoria-sindical-e-preservacao-da-historia-dos-trabalhadores/>>. Acesso em: 25 jan. 2018.

Referências

ANDRADA, C. F. *Vozes da Economia Solidária: narrativas de resistência no Mundo do Trabalho*. Relatório final de pós-doutorado – v.II. São Paulo: Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo/Fapesp, 2018.

NETO, M. L. P. *A reinvenção da classe trabalhadora (1953-1964)*. Campinas: Ed. Unicamp, 2011.

RESUMO – Poucos reúnem grandeza intelectual, humildade genuína e uma profunda coerência entre o que escreve e pratica, como ele. Paul Singer não apenas refletiu sobre as violências do mundo do trabalho, como se dedicou a fazê-lo junto de trabalhadores, ombro a ombro, anos a fio. Ao seu estilo, como um igual, dando o mesmo valor a cada fala e pessoa. Nesse processo, ajudou a construir um dos mais bonitos movimentos de resistência brasileiros, um projeto de emancipação com vistas a enfrentar essas violências, a Economia Solidária. A entrevista foi realizada para o projeto “Vozes da Economia Solidária: narrativas de resistência no mundo do trabalho”, que teve por objetivos compreender as origens da Economia Solidária brasileira a partir da perspectiva de seus pioneiros/as. Nela, Paul Singer rememora a migração para o Brasil, a juventude na São Paulo do pós-guerra - período de sua participação no movimento sionista - quando surgiram a inspiração para o trabalho como professor e a decisão de ficar e lutar pelo socialismo no Brasil. Logo, ele fala sobre sua relação com o movimento sindical, vivida como operário, e de sua participação na icônica Greve dos 300 mil, cuja comissão de salários compôs, experiência que representou uma das fontes de seu interesse pela economia. De seu percurso militante, ele destaca ainda a aproximação com os socialistas cristãos e com os fenômenos que mais tarde viria a nomear de Economia Solidária que, para ele, deve ser entendida como um fenômeno indissociável da luta de classes.

PALAVRAS-CHAVE: Psicologia social, Memória social, Resistência, Trabalho, Economia solidária.

ABSTRACT – Few people combine intellectual greatness, genuine humility and a deep coherence between what they write and do as Paul Singer. He not only reflected upon violence in the world of work, but also did it side by side with the workers themselves, shoulder to shoulder, for many years. In his own way, as one among many, listening to each one speak and considering each person as an equal. Throughout this process, he helped to build one of the most beautiful Brazilian resistance movements, an emancipatory project that sought to confront this violence: the Solidarity Economy. This interview was conducted for the project “Voices of the Solidarity Economy: narratives of resistance in the world of work”, which aims to comprehend the origins of the Brazilian Solidarity Economy from the perspective of its pioneers. In this interview, Paul Singer recalls his migration to Brazil and his post-war youth in the city of São Paulo - the period of his participation in the Zionist movement - when he was inspired to work as a teacher and decided to stay and fight for socialism in Brazil. Right after that, he talks about his relationship with the Union movement from the standpoint of a blue-collar worker, and his participation in the iconic Strike of the 300,000, in which he joined the strike’s salary committee, an experience which was quite significant for his later interest in Economics. From his militant trajectory, he highlights how he became close to Brazilian Christian socialists and to the phenomena he would later call Solidarity Economy, which, in his point of view, should be understood as an inseparable aspect of the class war.

KEYWORDS: Social Psychology, Social Memory, Resistance, Work, Solidarity Economy.

Cris Fernández Andrada é doutora em Psicologia Social pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. @ – cris.andrada@gmail.com.

Egeu Gómez Esteves é doutor em Psicologia Social pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, e há anos pesquisa o campo da Economia Solidária no Brasil. @ – egeu.esteves@gmail.com

Recebido em 14.2.2018 e aceito em 19.3.2018.

^{1, 11} Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, São Paulo, Brasil.